

# PALAVRA

— NUMERO 6

Organ litterario

ASSIGNATURA: MEZ 500

REDACTORES: FERNANDO CALDEIRA E JULIO CAMPOS

COLLABORADORES: — DD. Delminda Silveira e Ibrantina de Oliveira, Virgilio Varzea, Jansen Junior, Lydio Barbosa, Adolpho Mello, Miguel Faraco, Horacio de Carvalho, Arthur de Mello, Araujo Figueredo e Salles Brazil

REDACÇÃO—RUA DO SENADO N. 4 (SOBRADO)—PUBLICAÇÃO SEMANAL

SANTA CATHARINA — Desterro, 2 de Agosto de 1888

## PALAVRA

Desterro, 2 de Agosto de 1888.

### INDUSTRIA NACIONAL

Afastando um pouco dos principios por nós estabelecidos desde o 1º numero desta folha, que promettia não tratar de outros objectos a não ser aquellos que affectam a boa marcha do desenvolvimento litterario, diremos algumas palavras com relação a recente exposição das amostras de algodão da importantissima fabrica do Rink, fundada ha pouco tempo, e a qual é seu representante escolhido Sr. Emilio Bar-

...quize agradecer-lhe com a maior cortezia, attendendo á legitima espontaneidade com que ella foi enviada por um coração amigo do meu, por um moço meu collega de infancia e que conserva da nossa meninice inolvidaveis recordações; quiz por outro lado mostrar-lhe os erros que seu espirito entusiasta commetteu na construcção de sua poesia; mas considerando que elle é um moço intelligente no superlativo; meu collega, cujo talento preso bastante, perseverante e estudioso, deixei a elle proprio o cuidado de aprender sem auxiliar, limitando a fazer-lhe algumas observações sobre o que nella se depára de mais excentrico, sem importar-lhe isso uma satyra ou critica. Eis a poesia, estrophe por estrophe:

«Mocidade que aqui vejo reunida  
Aos pés da sciencia soerguida  
Permite que com voz diminuida  
Um voto por ti faça:  
«Avante, mocidade estudiosa,  
Marcha por essa estrada deliciosa  
Que depois colherás louros e rosas  
Parante a populaça.»

O nosso poeta parece que escreveu isso com a cabeça comprimida contra uma parede. A rima é só de adjectivos e não disse necessariamente o que queria, pois pede licença para fazer um voto, faz uma emulação e acaba mostrando «louros e rosas perante a populaça!» E o voto é feito «com voz diminuida!»

O nosso poeta fez como Diogenes quando andava com sua lanterna a pro-

acham unificadas as suas não pequenas relações, entrando em um horisonte novo, abre os seus braços agradecidos a esses idealistas do seu engrandecimento, pois vê que se o aperfeiçoamento, o desenvolvimento da industria, indica mais um marco glorioso, clareado pelos raios vivificantes da civilisação, é tambem o precursor de uma nova aurora que despontará brilhante, fazendo com que o sibilar da locomotiva desperte attenção no gentio das mattas, vendo o genio apurado do homem cortar os seus matagaes espessos, floridos, e tambem tradicionais por suas conquistas, por suas glorias de possuidores legitimos de terrenos uberrimos, onde Tupan tantas vezes, decantando as suas plagas bemitas, exalte os seus brios e seus fei-

Aqui temos a rima dos substantivos, uma cadencia monotonica que não diz com a da primeira estrophe, forçada do mesmo modo; vê-se que o homem escreveu isto sem pensar nem sentir. Refere-se á mocidade e creio que a mim. Agradeço muito a missão que me dá, porque julgo não se poder esclarecer o que é claro.

A mais importante de todas é a terceira e ultima:—

«Encara na penumbra do horisonte  
A gloria que se eleva como um monte  
E que depois te virá cingir a fronte  
Qual manto protector;  
Uma vez mais, avante mocidade,  
Atira-te atravez da immensidade,  
Eleva-te afinal á eternidade,  
A' morada do Senhor!»

Caspite! esta commove, excita, enfurece a gente! Pois o poeta diz que a gloria se eleva como um monte! Que figura, que arrojo, que enthusiasmo, que comparação! que gloria!

...Pobre mocidade! lamento essa sorte execranda! colher louros no seio da populaça e depois collocar na frente um monte em fórma de aureola e manto protector! é muita coisa isso. E ainda mais: tendes de atravessar a immensidade (!), de te elevares a eternidade!

Eu não comprehendo isso.

O nosso poeta comprehenderá com certeza em que sentido empregou essa «immensidade» e «eternidade»; eu não quero. Acho impropria a expressão e ver si é possível atravessar a immensidade.

corças de louros, aureolando sua frente de paiz novel, conquistador de tantas glorias, de tantas grandezas.

Mas para isso, para o bom caminhar dessas idéas, que actuam na boa vontade de cerebros evolucionistas, é preciso o auxilio do commercio, que representa a força e grandeza de um povo, ao passo que a industria representa o poderio, o genio apurado da creatura humana.

Saudando mais uma vez ao character elevado do sympathico e attencioso representante do Rink, o Sr. Alberto E. Barbosa, elevamos votos pela prosperidade da industria nacional.

### A CABRA CEGA

O rosado vivo do crepusculo esmaíara já n'uma pallidez fria que um azul ferrete invadia, quando o André, depois de arrumado o gado, de porrete em punho e chapéu ao lado, encaminhou-se cantando para a Varzea de Baixo, onde o engenho do tio Luiz Dutra, de fornalha accêsa, bulhando de alegria, farinha para todo o anno.

La lentamente escurecendo.

Um gelado sópro de norte deslocava-se rijo e sibilante do pendôr alcantilado da serra. E, de vez em quando, fortes rajadas cortantes como laminas afiadas, passavam rastejantes e furiosas, arripiando as arvores e enchendo d'uma zoeira lugubre a planicie.

No alto, do amplo azul curvoso e esgazado do espaço, pendia e scintillava uma prateada e destumbradora florescencia de estrellas, que a Via-lactea brandamente nevava e atravessava em faixa.

Ainda em caminho, já quasi ao chegar a encruzilhada que ia ter ao engenho, o André ouviu bem clara no ar a voz melancolica e sonora do forneador, cantando a *Bella menina*, e as frescas e tilintantes risadas das moças, d'entre as quaes sobressahia limpida, sympathica e doce, n'uma vibração crystallina, a da Francisca, a filha mais nova do tio Luiz.

E estugando o passo, ancioso por chegar de uma vez, avistou logo adiante o clarão avermelhado do forno do engenho



ramasse n'aquelles, um momento ao menos, a disputada ventura de um dos seus raios quentes e febris? Quem era?

Ninguem o sabia!

—«Um mal intencionado», quiz levantar-lhe uma calumnia, e teve a audacia de dizer que ella era a amante favorita de um banqueiro; fulmineio-o com um olhar terrivel de colera e quasi que o esbofeteio.

Depois, voltei a sentar-me, desesperado e nostalgico, com o coração varado pelo espinho que esse miseravel tentou atirar-lhe á reputação; e ella, no camarote, quasi ao meu lado, impossivel e fria, o olhar vago e indifferente, nem siquer recompensou-me com a esmola de uma piedosa mirada!

..... Estava a terminar a «soirée» do magico, quando vi cahir do logar em que ella estava, alguma cousa que devia pertencer-lhe, apanhei-a:—era um lenço e uma luva ainda quente das suas mãos mimosas e perfumadas; guardei ambas as cousas, para entregal-as depois, bem perto do coração, do coração que batia com mais violencia ao contacto d'aquellas duas porções que eram d'ella.

Esperei-a á saída tremulo, infantil e medroso; ximei-me e entreguei-lhe o lenço e a luva roubeia-a escandaloso.

sorriso e par-

Beija e afaga-te em delyrio essa bôca tão vermelha, como beija e afaga um lyrio um colibri ou uma abelha.

Para dormires, mimi, ella, com fundos desvelos se ajoelha ao pé de ti e beija-te os teus cabellos.

Aos teus ouvidos murmura com vóz dolente, sonôra: —dorme infantil creatura, sonha com Nossa Senhora.

Beija-te as mãos pequeninas, Delicadas como as rosas, tão puras e tão franzinas, tão castas e tão formosas.

Se adoece, linda flôr, doirada flôr da alegria, ella, pela tua dôr, faz prece á Virgem Maria.

Promette vélas aos santos, definha, soffre, entristece, derrama tão negros prantos... e... quanta vez desfallece...

Tu és todo o seu cuidado, todo o seu sonho mais puro... O', dorme, lyrio nevado, até ao sol do futuro!

ARAÚJO FIGUEREDO.

Os outros lares, na maior parte de casinhas vermelhas, mal paredes feitas d'um barro cu se mostra em risquinhos trenriades de rachas e onde se encfundos, os sulcos das mãos que de colher na sua edificação, condidos, o largo e accidentado do sitio, de dentro de altas toubananeiras, cujas folhas largas e vento tesoura em franja.

Grupos sonoros e coloridos de lavradores, mulheres e crianças, excursionam á freguezia, linguarejando e rindo fora na cadencia regulada e certa do tamam que bate no calcanhar.

E familias mais abastadas, vindas longe, apinhadas sobre o estrado d'um carro arrastado por nédios bois lusidiosos, passam, amollentadas pelo tédio, amarradas, ensommadas e bocejantes, na lenção e no chiado fastidioso e nostalgico do vehiculo.

Rapazes em geral amarellos, entre vinte e trinta annos, exhibem-se ante as belas raparigas palmeiras, socadas de brocos e de grossas cinturas carnudas, zendo pular e atormentando a relha n'um enthusiasmo prosa de matuto, seus ossudos e feios cavallo enlameados que encham de galopes e ruidos de arreios novos todo o percurso da estrada.

No adro da igreja, donde se avista longe, ás vezes, a branca alegria de vela latina palpitar sobre o mar que fa ao sol, alinhavam-se, enfeitadas, na dção da porta principal do templo, renques de aguçadas palmeiras, desde já pela soalheira, descendo lado

de frente, e arrancando o a cara da Joanna, amarrou-o nos olhos d'elle, com segurança, a grandes nós rijos atraz da cabeça.

Depois, batendo-lhe de mão e palmada nas costas, na attitude inquieta e livre de quem quer fugir, com aspecto de gazella arisca, deitou a correr com as companheiras para traz do engenho, após haver quebrado violentamente na grossa nuca do rapaz, com o seu bom halito quente e perfumoso, as velhas e tradicionais palavras cabalísticas, que a gente sabe tão bem de cór na infancia:—«Cabra cega! Donde é que vens? — Venho do Moinho. — O que é que me trazes? — Um saquinho de fariinha. — Me dá um bocadinho. — Não te dou, não.»

E ditas estas ultimas palavras, muito entrecortadas de risos, sob a pressão suave da derradeira palmada do jogo, que manda partir immediatamente os que se vão esconder, o rapaz botou-se á toda na direcção ruidosa das saias esvoaçantes.

Atravessou-lhe então o espirito, como uma lava, uma idéa violenta de sensualidade e de amor.

E, nos fundos do engenho, tentou arrancar o lenço, mas não o conseguindo pela segurança com que lh'o tinham amarrado, avançou mais: escutou; e, enfiando-se no carreiro que ia dar á fonte, sentiu que uma mulher se agachava entre umas bananeiras perto, de cujas folhas vinhalhe ao ouvido o frémito das franjas tremulantes, na rajada do vento.

E atirando-se precipitadamente para alli, n'um alentado salto de gato, os braços abertos em garra, apertou violentamente contra si um corpo de mulher que encontrou, e julgando que fosse a Fran-

casinho — amor — ao terno suspiroso da lyra da tristeza.

Eu sempre o vejo; e o psalmear sonôro do cajueiro em flôr por entre o aroma, mais terno se desprende, quando silente pelo occaso d'ouro mimosas cintas que do iris toma a tarde bella estende.

Eu sempre o vejo... e enamorada escuto a doce queixa ao rumorejo envolta da verde ramaria, quando a noute desdobra o véo de luto, e a vóz do bronze pelos ares sôlta O «Salve» preludeia.

Quando a andorinha forasteira volve co'o renovar primaveril das flôres, á beira dos telheiros, eu sempre o vejo; e o canto seu m'envolve do saudoso scismar dos meus amores nos sonhos feiticeiros.

Oh! vem, meigo cantor! não tardes tanto que já no verde laranjal branquejam os tenros botõesinhos; suspira a brisa o múrmuro quebranto, do sol aos raios tepidos verdejam as moutas dos caminhos.

As borboletas, nos relvados bastos por sobre o verde, semelhando espreitam o abrir de plúmeos artistas, d'entre os fabricam berços p'ra nove Co'as plumas setir

longe erguiam-se os montes e em frente, lá nos confins dos mares, o firmamento curvava-se azulado, como uma lisa concha voltada sobre a terra. Acolá sumia-se a paisagem, cheia de graciosos palmeiros, acompanhando o contorno da praia.

A vista estendia-se-me por aquelles horisontes sem fim, onde a terra natal occultava-se de mim por entre uns nevoeiros de saudade immensa.

Foi lá que aprendi a amar; agora porém, aprendo a ter saudades. Foi lá que minha mãe acalentou-me, lá quando a infancia estalava-se-me em francos risos e onde as lagrimas não tinham amargurada expressão do soffrimento.

Elembra-me então d'aquellas longas praias, daquellas florestas tambem emmaranhadas, daquelles tempos, emfim, em que, pela mesma hora, ouvia tocar «Ave-Maria» resando de mãos postas em frente do oratorio, junto do regaço de minha boa mãe.

O sol descia mais.

Passavam-me pelos cabellos, e brandas lufadas, as virações marinhas emquanto o coração soluçava uma saudade, rasgando apaixonadamente aquelles horisontes nos confins dos mares.

E' que a mente evocava do passado a lembrança de minha mãe, dos meus amores e de minha aldêa.

Dão os poetas á sua terra cantos ruidosos de harmonia; eu não te dou, oh, minha terra natal! senão as vozes



a este desastre duro;  
 e, se ri, como já riu-se,  
 nunca previne o mal futuro!

WENCESLAU BUENO.

o, em 1887.

A ALMA DO OUTRO MUNDO

Eu teria os meus doze annos.

Vinha chegando de fóra quando minha mãe me disse:

— Olha, José, estamos sem agua. Vê se vâes lá embaixo á fonte e traz-nos um cantaro.

Já tinha anoitecido.

Fazia intenso frio.

Uma escuridão absoluta amortalhava tudo; cahia uma chuva fina.

Tomando então do cantaro, desci cantando para os lados da fonte, com um pau de fogo na mão, que ia agitando de um lado p'ra outro, em vae-vem, por diante das pernas, para alumiar e caminhar.

As folhas dos cafezeiros, escorrendo abundantes perolas, tinham scintillações de um verde phantastico, sob o risco vermelho e luminoso do tição.

Rajadas de léste passavam de vez em quando, agitando a folhagem, com ruidos de desolação.

As corujas, pian-lo agoureiramente para as bandas do Campo, tomadas da electricidade — um monumento de violetas do seu canteiro feito entre varáes, na frente da casinha.

Depois adoeci e logo o rigor do inverno e o emprego em que me colloquei impediram-me os passeios matutinos.

Setembro ostentava-se com os seus tons de primavera e a saudade daquelle tímido amor nascente me veio ao coração.

Fui procural-a... Na casinha moravam agora uns pescadores.

Ao perguntar-lhes por ella, me disseram:

— Pois não sabe? A mãe morreu ha dous mezes e a Cotinha se foi com um tio, não sei para onde...

Não chorei, mas senti uma melancolia desconsoladora. Se eu pudesse ter voado, voado...

— Ora, a Cotinha! coitada!

Nunca mais soube della, e um anno depois deixei saudoso a minha terra.

E' por isso que ainda hoje, se á beira mar contemplo o despertar de um dia ou o empardecer de uma tarde, me vem á mente o meu primeiro amor, retratado na innumera imagem daquelle pobre criatura que o destino levou...

E' por isso também que tenho saudade da beira mar! onde a vida se desabrochou para mim aos puros beijos de minha boa mãe, que me ensi-

offegante ainda, e mal podendo fallar, respondi-lhe que a tinha quebrado lá perto dos cafezeiros, porque, quando vinha passando, ouvira gemidos soturnos e dolorosos que vinham da sombra, e disparára deixando cabir tudo...

Sentado sobre um estrado que havia na cosinha, desandei a chorar, magoado, a lembrar-me do que me acabava de succeder e cheio de pezar por ter quebrado o cantaro, com os olhos pregados no fogão onde grossos tóros de lenha deitavam grandes labarédas vermelhas em redor da chaleira.

E, n'uma boa e confortavel quentura que me vinha do brazido e me enchugava a camisa molhada, que obstinadamente conservava no corpo, eu estremecia e moradia os beiços de vergonha e raiva ao ouvir na sala a Anninhas chamar-me de « porcalhão », e contar que me havia mettido medo lá no cafezal, a chasquear de mim com as companheiras.

HORACIO DE CARVALHO.

Desterro.

A NOIVA

Tremula, casta, hesitante,  
 « Sim » — murmuraste no altar,  
 E começaste a chorar  
 Sob o teu véo ondulante...

Tinha-te as mãos... de ce... instavel

d'espadas faz conhecer a aproximação do official que vae rondar as sentinellas postadas na vanguarda. Silencio. A lua segue o seu rumo, deixando cabir sobre o acampamento os seus raios de prata.

E aquellas barracas, brancas, tão brancas, parecem, á luz da lua, um bando de garças com as azas meio abertas pousadas n'aquelle immenso campo.

Além descamba a lua. Ergue-se ao norte a estrada da manhã. São quatro horas já. De repente, e ao longe, muito ao longe, rompe o clarim o silencio. E' o « alarma ». Que martyrio. Começa o movimento. Uns vultos negros, que á luz esquiua mal se distinguem, apparecem ás portas das barracas. Ouve-se a voz somnolenta do sargento que grita:—Olá, chega á forma, vamos, ligeiro. Que martyrio. E o dia vem rompendo. Uma brisa fria faz tiritar de frio aquelles pobres que ali estão de pé, firmes no meio do campo.

Um clarão vermelho annuncia o sol...

Eil-o que vem surgindo, grave, grave como um rei!

Todos têm serviço. Uns para a carneação, outros para as guardas, estes para a promptidão, toques d'aqui, chamadas d'acolá! Um martyrio.

Passam-se os dias. Uma ordem de marcha, um martyrio ainda maior, os

Um cavallo rosillo na porta comia n'um côxo o capim que verde se via. Fechada a cancella do grande cercado, risouh'um menino trepado os olhava. « Ai ! » disse o pai... cabiu fulminado ! Em prantos a mãe, qual louca, gritava !

O pai desgraçado no trance do'roso contente sorfia-se ao filho mimoso !

FARACO.

Estreito, 30 — Dezembro — 86.

UM SONHO

« Eia, rapazes! Bebamos ! A noite convida ao repouso e a tormenta não tarda. Já ouço o trovão que ronca ao longe semelhante ao tigre que rosna de prazer ao dilacerar a presa que se estorce agonisante entre suas garras potentes e esvae-se n'um charco de sangue.

Bebamos ! Quero esquecer na embriaguez do alcool a nuvem negra do passado.

E tu, Baccho, apaga deste craneo onde as furias lançaram o veneno da ferocidade a luz mortíca de sua intelligencia.

Uma filhinha, uma aurora  
 —Que doce olhar que era o seu!  
 Nesses meus braços morreu,  
 Morreu-me, senhor, agora.

Vós, cujos filhos ridentes,  
 Dormem fartos e contentes  
 —Loiros thesouros de amor

Entre nuvens de escumilha—  
 Para enterrar minha filha  
 Dai-me uma esmola, senhor.

LUIZ GUIMARÃES.

O MAR

Está a tarde bella !

Diante de mim estende-se o rio que dá nome á esta cidade, e nas placidas aguas d'elle immoveis conservam-se todos os navios que vejo; porque estão serenas, o vento morto, e para complemento do quadro, o pedaço do ceu que n'ellas se mira ostenta-se de puro azul ! Na contemplação desse quadro soberbo, para quem gosta de apreciar-o, suggerio-me a idéa do mar pela idéa da differença de um para outro.

O salso elemento, o mar « que é a esphyngue que excita as elocubrações dos philosophos, e é a origem dos devaneios dos poetas, ha de impôr-se á nossa imaginação sempre que o tivermos de face; ora fascinando-nos como



gargalhadas estupidas as agonias das victimas de suas ambições.

«Vamos, Cerval, fallava um homem baixo e musculoso, deixa a furia da natureza e conta tuas aventuras, aquellas scenas tão variadas do drama sanguinolento de tua vida.

Quando saltavas como o tigre na estrada sobre o incauto viajante que cahia ao golpe de tua mão firme, sempre notei em teu semblante essa côr pallida das grandes commoções e deixavas pender a cabeça sobre o peito ao peso d'uma meditação profunda. O que tinhas? Era o remorso que te mordia?

Arrependias-te d'esse viver onde a traição e a força venciam a resistencia d'aquelles que debalde lutavam pela existencia?

Ainda me lembro, Cerval, da noite em que te nos unistes.

Caminhavamos silenciosos em busca do roubo, quando ao clarão d'um relampago avistamos um vulto ao longe.

A chuva cahia em grossas gotas como sentes na tormenta de hoje.

Tu não nos vistes porque nos flancos da estrada existiam grandes matas que nos deram abrigo, ao passo que te avistavamos sempre quando atravessava o espaço em caprichosas voltas uma outra facha luminosa que te fazia amiudar os passos.

Chegastes e affianço-te que foi mais pela curiosidade do que pela ambição zemos parar.

mansas suas ondas espreguiçarem-se nas finas areias das praias que, quaes longas fitas estendidas ou volteadas, são os limites d'elle.

E' só n'estas occasiões em que vê-se os navios balouçarem docemente no dorso das ondas.

As virações são fresquissimas; o ar purifica-se e o ceu se limpa e respira-se livremente!

E' feliz n'esse momento o homem do mar que procurando muitas vezes melhor vida n'elle encontra peor, horriavel morte que é o termo da vida; rochedo onde naufragam as esperanças que nos embalavam o coração!

Vi o rio; lembrei-me do mar de minha terra, tive saudades; procurei allivio: — escrevi quatro palavras sem nexo.

FARACO.

Rio Grande—1885.

A' M. Q. S.

Envolvido no manto do infinito,  
Inabalavel sempre, magestoso,  
Na rapida passagem derribando  
Templos, nações... mysterios desvendando

Qual cyclone raivoso,

Não o queiras levar para a fria casa que nos occultará nas solidões das bre-nhas.

Temos a vil justiça que apregoam os homens?

Aquella justiça infame que tem medo de castigar o miseravel que desrespeita a virtude, assassina sem medo e mostra um orgulho insolente escudado no ouro?

Temos essa miseria dos homens que só mandam para a tetrica masmorra o pobre que esfomeado rouba um pedaço de carne e deixam ostentar-se na sociedade o bandido de casaca que fere em plena luz?

Falla, Cerval, essa justiça que me parece não temer é impotente para nos lançar as mãos e fazer-nos morrer aos golpes d'um carrasco.

Eu, Nemo, teu companheiro de infortunio, junto meu pedido ao desses charões que sempre nos ajudaram a combater nas trevas.

Sim, Sim! Falla, porque queremos! Murmuravam uns homens meconhamente embriagados.

«Malditos! Julgaes-me um monstro que pela sua perversidade fosse en-chotado do seio da sociedade?

Pensaes já lêr nas paginas primitivas de minha triste historia a vida d'um precito?

Enganai-vos.  
Oh! nuncieis a experimentastes a dôr que enlouquece o naufrago quando luta

com a morte e parecer unânime dos physicos, pallia o

Como era doce n'aquell meiga adormecer aos sons d'cões tão ternas e ao despertar musica matinal das avesinhas do dia que despontava ris-téla dourada do Oriente!

Mas um dia, a morte fatal ferio cedo o corpo d'aquelle amigo occu-tando-o para sempre no frio horrivel d'um tumulto.

Oh! o golpe foi profundo demais para uma creança de dois lustres!

Chorei; chorei muito sua perda eterna!

Sem amigos, sem ter um protector que me amparasse, tive medo das trevas e vi como que na rapidez d'um relampago uma nuvem negra annunciando a tempestade.

Então lutei em busca do amparo me negaram; contei a vida — zombaram-me, implorei a misericordia e despresaram-me.

Oh! a ferida que abrio-se verteu muito sangue e n'aquella idade das illusões criei rancor a essa sociedade miseravel que acenou-me com o sorriso da indiferença o caminho da perdição.

E tu, Deus, onde estavas que não olhastes o desgraçado que perdia-se a falta d'um coração charidoso?

Perdão! Senhor. Perdão! Se neste momento de angustia profanei teu Nome.

Se que da da não ha — e isso e bastante

A esta saudade atroz—em que, a teu lado, Não sintas, Mãe, como uma sombra errante Passo a passo a seguir teu vulto amado.

—Minha Mãe! minha Mãe!—a cada instante Ouves. Tornas, em lagrimas banhado, O rosto, e cuidas, louca e soluçante, Que eu te chamo, a chorar, n'um tom magoad.

E sentes alta noite, no teu leito, Minh'alma na tu'alma repousando, Ropousando meu peito no teu peito...

E encho teus sonhos, nos teus sonhos brilho... E abres os braços tremulos, sonhando, Para nos braços apertar teu filho.

OLAVO BILAC.

### SORRISO!

A MEU AMIGO J. A. FERREIRA ALVES JUNIOR

Um sorriso! Um sorriso nos labios da mulher que se ama! Oh! gozo inefavel! Prazer immenso! Alegria eterna! Felicidade suprema!

Um sorriso! Nardo que perfuma as horas da nossa existencia, luz que nos irradia a fronte, sombra que nos protege, «aurora» que nos alegra, primavera que encanta, ave do paraizo que nos acolhe debaixo de suas azas!

Um sorriso! Nuvem que vaga no céu; esperança que desabrocha, sentimento que se expande, botão de rosa que se abre, amor que se annuncia, o paraizo que se mostra!

Oh! um sorriso! E ella sorriu-me bella, engraçada, amorosa, seductora, modesta, como a violeta, que se occultta nas folhas verdes, como o colibri que esvoaça no prado, como a relincha que geme no arvoredo, como um sonho que

### CORREIO DA "PALAVRA"

Sr. Fernandes Lima.

Recebemos o seu livreto. Quando tivermol o lido, aprecial-o-hemos.

Impresso na typ. do JORNAL DO COMMERCIO